

A LÍRICA MODERNA E SUAS DIFERENTES FUNÇÕES

Juciane Ferigolo

RESUMO[©]

Este trabalho busca, de modo geral, mostrar a concepção que alguns poetas modernos possuem a respeito da função da poesia. Tais poetas são Nicanor Parra, Ernesto Cardenal e Roque Dalton. O primeiro foi o fundador da *antipoesia* e os outros dois, importantes nomes da chamada *poesia revolucionária*. Estas duas modalidades poéticas resultam da insatisfação de tais poetas com a lírica canonizada de suas épocas, lírica esta que dificultava a comunicação com o leitor pela exuberância lingüística que portavam.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia, antipoesia, função

INTRODUÇÃO

1 Um espaço de contradições

A poesia moderna nasce, como já se sabe, de um conflito vivenciado pelo poeta. O referido conflito se centra na perda de função que ele possuía perante e dentro da sociedade. Com a consolidação da burguesia, como classe social dominante de um sistema capitalista, o que passou a imperar foram às leis do mercado, isso implica produção de lucro por meio da exploração da força de trabalho. Para o poeta, cuja produção estética não lhe garantia nenhum retorno financeiro – e tampouco ao sistema econômico – o único alento que lhe restou foi afastar-se da sociedade opressora e excludora refugiando-se no espaço da poesia. O romântico rompeu relações com o mundo a sua volta e se fechou em um espaço poético, construído por ele próprio, que lhe permitia expressar as frustrações e os desconsolos pela voz de um eu poético sensível e sentimental, capaz de captar as transformações que a sociedade enfrentava, e que, apenas alguns, os visionários como ele, conseguiam perceber e sentir de forma tão clara. “Sentindo-se à margem da sociedade, como alguém dissociado dela por seu caráter superior, mas não reconhecido, fragmentado intimamente por esse estranhamento, sofrem com a situação a que se julgam reduzidos” (GUINSBURG, 1985, p. 280). Assim, a negação da realidade circundante foi o modo encontrado de protestar contra ela, e de, ao mesmo tempo, afirmar-se como parte dela, pois, frente à impossibilidade e à impotência de mudá-la, a solução naquele momento foi o refúgio no universo poético; nele o poeta podia

amar loucamente, sofrer desesperadamente, deixar que seu coração expressasse a “dor de mundo” (1985, p. 280) que sentia, por meio de palavras poéticas. Daí a valorização, se não o fascínio, do romântico por tudo o que ficou no passado; é como se ele buscasse na história passada a reintegração de si com o universo, disso resulta a “revalorização do mito” (1985, p.280) e a saudade da infância. A consciência, porém, de que esta não retornará fazem do poeta romântico um extremado nostálgico. Portanto, na poesia romântica, o sofrimento, a dor, a angústia, a tristeza são temas de grande valor estético.

Avançando um pouco mais na linha do tempo chegamos a Baudelaire. O que se vê nele é uma lírica um pouco diferente da romântica: não se encontra nela um sujeito lírico sentimental e sofredor, aliás, o sujeito já não é mais o centro das atenções, como era na lírica romântica; os motivos poéticos mudam, assim como os valores estéticos. A beleza agora é outra: é a “flor do mal”, é o urubu que come carniça, é o abismo, é a escuridão da noite, o tédio que sufoca, é afinal, o negativo, que neste caso, não tem caráter de depreciação, mas sim de negação do conceito de beleza romântico. Em consequência, surge um arranjo lingüístico mais hermético, que exige um leitor mais sensível para decodificá-lo. Isso porque alguns dos poetas deste período entendiam que a arte não se prestava ao entendimento do homem comum, pois não era feita por homens comuns. O poeta era o “visionário” que captava aquelas sensações que um ser humano qualquer não captava, por isso a necessidade de leitores especializados que partilhassem dessa mesma sensibilidade e assim conseguissem estabelecer comunicação com uma poética tão obscura e fechada. Disso resultou um distanciamento ainda maior entre poesia e vida, o que resultou mais tarde em uma revisão de conceitos por alguns vanguardistas, pois a arte poética, para eles, estava em vias de extinção. Na trilha de Baudelaire encontra-se Rimbaud e Mallarmé. Este último atingiu um hermetismo tal e um centramento no próprio fazer poético, que sua produção lírica ocasionou um distanciamento ainda maior entre poesia e leitor. “Um fenômeno social, ou seja, a ruptura das relações entre escritores, artistas e público, desencadeou os movimentos de vanguarda” (SZABOLCSI, 1990, p. 55), estes provocaram algumas mudanças no campo das artes. Para muitos poetas da vanguarda, a

linguagem poética deveria tornar-se mais transparente ao entendimento do leitor comum. Alguns, porém, continuaram produzindo uma lírica hermética, como é o caso dos surrealistas.

Os movimentos de vanguarda afloram e crescem com teor de protesto. É tempo de reclamar, de fazer barulho, de organizar reuniões para debater o destino da arte, e como nesta esfera se encontra a literatura, é chegada a hora de unir forças e trabalhar para reatar os laços entre arte e vida. Foi neste ponto que as vanguardas se mostraram contrárias ao pensamento de seus antecessores e passaram a trabalhar para trazer à sociedade uma lírica com temáticas mais triviais, ou seja, os objetos do dia-a-dia agora se fazem presente na linguagem poética. Como no caso de Duchamp, até um vaso sanitário pode ser considerado manifestação artística. Em alguns casos, vêem-se também poetas comprometidos com a realidade social, o que resultou na produção de uma lírica de engajamento social. Isso porque a grande maioria dos poetas de vanguarda percebeu e entendeu que se fazia necessário e urgente uma avaliação da arte poética, no que diz respeito a sua função; para eles as razões do esteticismo, de que a finalidade da arte se centrava em si mesma, e por isso não teria função prática para a sociedade, estariam assinando a própria sentença de morte da arte. O que ocorreu, então, foi um momento de reflexão da arte pela própria arte. Para Peter Bürger com os “movimientos de vanguardia el subsistema artístico alcanza el estágio de la autocrítica” (1987, p. 62), ou seja, para o referido autor, é a vanguarda que pela primeira vez faz a crítica da própria esfera artística. Muitos poetas passaram a entender que, no campo poético, algumas mudanças eram necessárias, a começar pela forma de se chegar aos receptores, que deveria ser mais simples e direta. O intuito de tornar a arte mais clara, mais compreensível e a necessidade de dar a ela uma função outra levou muitos artistas de vanguarda a desenvolverem, também, temáticas sociais e até a participar da vida política do país. Em meio a este cenário, a poesia passa por grandes transformações, mudam-se os temas, as formas e a função. O que se presenciou foi o surgimento de uma “série de ismos” (SZABOLCSI, 1990, p.62) cada um lutando por seu lugar no palco das disputas artísticas. Tal autor propõe que “de um lado, portanto, a vanguarda deseja destruir a hierarquia da arte, as fronteiras entre o ‘elevado’ e o ‘baixo’, para aproximar-se mais do público e para derrotar os efeitos alienatórios da divisão do trabalho. Daí o interesse da vanguarda pelo circo, pelo teatro de variedades, pelos coros, pelos festivais de ginástica e pelos gêneros teatrais” (1990, p.56). Para que este desejo se tornasse real era necessário um meio, um veículo que fizesse com que

a arte chegasse até seu público; é este exatamente o seio da problemática. No caso da literatura, o intermediador é o mercado, é ele que leva a obra até seu leitor – faz a distribuição do produto artístico. Mas como o poeta pode contar com a ajuda do mercado sendo ele uma consequência direta da sociedade burguesa e do regime capitalista, que são os responsáveis pela exclusão do artista?

É a eterna contradição que perdura até nossos dias e parece não ter solução. Mas o que importa neste trabalho, não é analisar a contradição, e sim observar as transformações por que passou a lírica moderna, desde o romantismo até a pós-vanguarda. Continuando esta síntese, chega-se, então, à *antipoesia*, um tipo de lírica que incorpora os ideais vanguardistas de aproximar poesia e leitor através de temáticas do cotidiano. Nesta altura, ocorre também, em muitos casos, um despojamento lingüístico da arte poética que a aproxima da linguagem prosaica e também um comprometimento maior com as questões sociais.

2 A antipoesia

Saindo do contexto europeu, o cenário artístico em observação agora é outro. Trata-se de Hispano-América, território literário muito rico na pós-vanguarda e local onde se situa o nascimento da chamada antipoesia do poeta chileno Nicanor Parra.

Antipoesia foi o termo encontrado pelo poeta chileno Nicanor Parra para nomear a poesia anti-Neruda. Neruda é conhecido por sua poética existencialista. Nela, o sujeito lírico muitas vezes angustiado e pensativo se fecha em si mesmo e permanece a refletir sobre a existência humana. Embora seja este o tema predominante, encontram-se também poemas dedicados a objetos comuns, como o relógio, a maçã, o vinho. Mas o que merece destaque é a forma como Neruda maneja a linguagem para tratar desses temas. Seus poemas são, em geral, de grande exuberância e de grande rebuscamento lingüístico, fato este que converteu sua lírica em modelo a ser seguido. Nicanor Parra não compartilhava desse modelo poético seguido por muitos contemporâneos seus e, assim, criou a chamada *antipoesia*. Para Retamar (1975) nenhuma poesia é verdadeiramente *anti* porque se assim o fosse não existiria. A antipoesia é contrária a certo tipo de poesia, como Parra explicita no poema *Manifiesto*:

Nosotros condenamos
- y esto sí que lo digo con respeto
La poesía del pequeño dios
La poesía de vaca sagrada
La poesía de toro furioso (2003, p.197)

Os três modelos de poesia citados no trecho acima, referem-se às produções de Vicente Huidobro, Pablo Neruda e Pablo de Rokha, autores exemplares em suas épocas, cujas poéticas eram tidas como o “cânone” a ser seguido.

O surgimento desta nova modalidade poética vem, em primeira instância, da necessidade de renovação da poesia da época, já que a permanência por muito tempo de um determinado estilo tende ao desuso e ao enfado do leitor. Em segundo lugar, Parra e seus seguidores entendiam que a poesia precisava descer de seu altar sagrado e estabelecer sua existência no território comum; o poeta percebeu que o fenômeno da criação poética também é um trabalho e por isso a aproximação com o público leitor é vital. Os temas mudam, então, e as formas também, a linguagem sofre um enxugamento e o tom prosaico ganha voz. Hamburger (1991) menciona que para os antipoetas não era suficiente que a poesia fosse tão bem escrita como a prosa, mas ela precisava comunicar tão bem quanto a prosa. Mas como ela iria comunicar com a mesma clareza do prosaísmo sem perder suas propriedades poéticas? A resposta, segundo o mesmo autor, é despojando a poesia de suas figuras de linguagem, principalmente a metáfora, constituindo assim, o que ele denominou de “a nova austeridade”. Além da diminuição das metáforas, o que passou a predominar na antipoesia foi o tom e o tema prosaico. A seguir um fragmento do poema *Advertencia al lector* de Parra ilustra isso muito bem:

Según los doctores de la ley este libro no debiera
Publicarse:
La palabra arco-iris no aparece en él en ninguna parte,
Menos aún la palabra dolor,
La palabra Torcuato,
Sillas y mesas sí que figuran a granel,
¡Ataúdes!, útiles de escritorio!
Lo que me llena de orgullo
Porque, a mi modo de ver, el cielo se está cayendo a
Pedazos (1972, p.83)

O que está em discussão neste poema é o próprio ato poético que já não segue mais os padrões dos “doctores de la ley”. A crítica à poesia de Neruda é visível, pois o sujeito do poema diz que este modelo não se sustenta mais, não serve mais para o contexto social ao qual pertence, “el cielo se está cayendo a pedazos”, ou seja, as palavras ditas poéticas como “céu” não servem mais. O que vale agora é falar das coisas úteis, dos objetos comuns, ordinários, que fazem parte da vida das pessoas, para que assim a poesia também tenha alguma utilidade. Desse comprometimento do poeta em comunicar surge uma

geração de escritores que passam a usar o meio poético para manifestar e defender ideais revolucionários. A referência aqui é a poetas como o nicaraguense Ernesto Cardenal e o salvadorenho Roque Dalton. Cada um deles vivenciou em seu respectivo país as conseqüências de um governo autoritário que massacrava e oprimia o povo com um regime ditatorial. Ambos os poetas entendiam que a poesia poderia ser usada como instrumento para denunciar, criticar e despertar nas pessoas um espírito de luta para reverter a situação sufocante pela qual passavam.

A preocupação com questões sociais e políticas passou a ser temática comum da “nova austeridade” (ou antipoesia). Hamburger, referindo-se ao poeta peruano César Vallejo, afirma que ele “rompió con la tradición de la poesía ‘pura’ y ‘oscura’ bajo la presión de su conciencia política y social” (1991, p.232). Percebe-se que uma nova consciência, ou melhor, uma outra consciência começa a nortear a vida do poeta. A poesia, por sua vez, fica mais provocativa, violenta, é uma ferramenta de luta juntamente com a ação concreta. Ernesto Cardenal e Roque Dalton não só usaram o meio poético para lutar em prol dos oprimidos, como também partiram armados para a guerra nos exércitos de esquerda. Passaram pela experiência do exílio, da clandestinidade e mesmo assim continuaram escrevendo seus “manifestos poéticos”, no intuito de fazer com que as pessoas tomassem consciência da condição a que eram submetidas.

A denúncia contra o abuso de poder do exército e da polícia, para deter as manifestações do povo, é visível em muitos dos poemas de Cardenal:

San Salvador bajo la noche y el espionaje
Con cuchicheos en los hogares y pensiones
Y gritos en las estaciones de policía.
El palacio de Carías apedreado por el pueblo.
Una ventana de su despacho ha sido quebrada,
y la policía ha disparado contra el pueblo. (1978, p.18)

O tom prosaico é característica marcante neste fragmento. O despojamento metafórico é quase total. O que se vê é a construção de um cenário de guerra civil, pessoas em suas casas com medo, sussurrando palavras pelos cantos; por outro lado, membros da comunidade pelas ruas lutando com as armas que possuem (pedras) e, ainda, a polícia com seus armamentos que paralisam a ação do povo. Como elemento poético, além da estruturação em versos, pode-se considerar o clima de mistério que paira sobre a cidade: as pessoas falando aos sussurros

dentro de suas próprias casas e também nas pensões, alguém espionando na calada da noite, sem que se saiba por que motivo pratica tal ato. Outro detalhe importante, que favorece o clima de mistério, são os gritos nas estações de polícia. Não há explicação para tais gritos, mas o que se pode inferir, a partir do contexto de ditadura que El Salvador enfrentava, é que as pessoas estavam sendo torturadas, violentadas pelos policiais, o que era comum acontecer em situações como estas. O clima de mistério que o poema transmite é o que constrói a atmosfera de terror. Nos versos cinco e seis, novamente aparece a denúncia das ações sanguinárias do exército contra os civis: o povo quebra uma janela do escritório do Palácio de Carias e isso basta para despertar a fúria dos policiais que atiram covardemente contra as pessoas para acabar com a manifestação. As denúncias, porém, não são explícitas, ficam nas entrelinhas do poema cabendo ao leitor a construção da imagem poética que seu conhecimento de mundo lhe permite. Assim, no trecho do poema, verifica-se que os fatos não são explicados, mas sim sugeridos, como quer a arte poética.

Em outra passagem do mesmo poema, percebe-se a denúncia da situação de miséria pela qual passam os camponeses hondurenhos:

Los campesinos hondureños traían el dinero en el sombrero
 Cuando los campesinos sembraban sus siembras
 Y los hondureños eran dueños de su tierra. (1978, p.18)

Neste fragmento, os verbos estão todos no tempo passado, dado este, que permite pensar que os camponeses não desfrutavam mais de uma boa situação financeira. Eles traziam, como pessoas simples, o dinheiro no chapéu, pois suas colheitas geravam lucro, eles mesmos semeavam suas terras e eram donos dela, mas como tudo isso pertence ao passado, entende-se que no presente esses pequenos proprietários não possuem mais propriedade nenhuma. Pode-se, então, fazer algumas interpretações. Os camponeses podem ter perdido suas propriedades para o estado ou para grandes latifundiários ou podem ter vendido suas terras e migrado para a cidade ou podem ainda ter sido vítimas de altos impostos; enfim, o que o poema mostra é uma cena de miséria, comum no contexto centro-americano. O meio poético mais uma vez é usado para fazer algum tipo de denúncia; ele tem, portanto, uma função prática, ao contrário do que o esteticismo pregava.

A partir de agora, outro importante poeta, cujo objetivo de denunciar realidades sociais opressoras, assemelha-se ao de Cardenal, será mencionado. Trata-se de Roque Dalton.

Dalton manifestou, desde cedo, seu interesse pelas questões políticas e sociais de seu país El Salvador, uma pequena porção de terra da América Central e um território marcado por injustiças sociais e miséria. De pouca industrialização e agricultura rudimentar, conseguiu o estatuto de nação independente do poderio espanhol a muito custo, e mesmo “independente” permaneceu pobre e subdesenvolvida. Como muitos outros países da região central do continente, sofreu regime ditatorial e foi território do interesse norte-americano. Roque Dalton não compartilhava dos ideais dos grandes latifundiários nem do governo vigente e pensava que o *comunismo* era a solução para os grandes problemas que El Salvador enfrentava. Ainda jovem, ingressou no Partido Comunista; talentoso e irônico para denunciar o que lhe parecia errado passou a significar uma ameaça ao poder político salvadoreño. Por esse motivo, foi exilado e permaneceu na Rússia por alguns anos onde acolheu ainda mais a ideologia comunista. Regressou ao seu país clandestinamente como membro do *Exército Revolucionário do Povo*, um movimento de esquerda; é assassinado em 1975 por uma face ultra-esquerdista deste mesmo exército. Durante toda sua vida militante foi também poeta e acreditou convictamente que a poesia tinha o poder de mudar a mentalidade das pessoas, tornando-as mais conscientes da realidade a qual pertenciam.

A consciência de que El Salvador necessitava de pessoas que lutassem por uma vida melhor o transformou em um revolucionário. Dalton sabia que o povo oprimido era a única camada social com a qual podia contar, por isso, sua lírica é em certos momentos apelativa com palavrões e insultos para que as pessoas despertem de seu estado de “zombie” e reajam de alguma maneira. Para o poeta “la palabra es constitutiva de la realidad” (VERZI, 1986, p.168), isto é, ela pode fazer com que realidades diferentes sejam construídas por meio da conscientização que as palavras têm o poder de proporcionar.

A verdadeira poesia, então, segundo Dalton, é aquela que faz o sujeito refletir sobre sua própria condição e, a partir disso, se dê conta das mudanças que a sociedade precisa sofrer por meio da ação de pessoas conscientes. Para que a poesia tenha tal função ela necessita de uma linguagem impactante e comunicativa, daí o uso do tom prosaico acompanhado da “nova austeridade” (HAMBURGER, 1991).

O último livro de poemas escrito por Dalton levou o nome personificado de **Poemas Clandestinos**, pois na verdade quem enfrentava a situação de clandestino era o poeta. Tais poemas circulavam pelas ruas de El Salvador na forma de panfletos sob um pseudônimo escolhido e usado por

ele. No poema *Arte poética 1974*, Dalton expressa sua idéia de poesia.

Poesia

Perdóname por haberme ayudado a comprender
que no estás hecha sólo de palabras (s.d., p. 316)

Rafael Dueñas, um estudioso da obra de Dalton, afirma que “habiendo establecido la relación que hay entre poesía y movimiento se puede afirmar que Dalton entendió, como él mismo expresa, que la poesía era la ‘palabra escrita bellamente’ dentro de un territorio de combate: un espacio dinámico en el que las contradicciones histórico – culturales se podían reflejar a través de los sentimientos” (2006). Pode-se concluir então, que para o poeta, a poesia não se constitui apenas de palavras, mas de sentimentos que precisam chegar até as pessoas, pelo meio poético, para que elas saiam da “normalização”. O amor é um sentimento muito valorizado e fundamental para os que lutam por uma causa comum.

A quienes te digan que nuestro amor es extraordinario
Porque ha nacido de circunstancias extraordinarias
Diles que precisamente luchamos para
Que un amor como el nuestro
(amor entre compañeros de combate)
llegue a ser en El Salvador
el amor más común y corriente, casi el único (s.d., p.309)

Pelo que se percebe há uma grande semelhança no tom prosaico da poesia de Cardenal e na de Dalton. Essa característica pertence ao modelo de antipoesia cujo despojamento lingüístico se faz presente. A temática do poema, no entanto, é tradicionalmente poética: o amor, que tão evocado foi pela estética romântica, ressurgiu em Dalton sem a idealização da referida tradição. O amor (entre companheiros de batalha) é o sentimento almejado pelo sujeito lírico para toda a coletividade salvadorenha; é um amor que poderia solucionar muitos problemas, pois quando se ama o próximo o egoísmo e a ganância não imperam.

No poema *Como tú* também se nota um matiz sentimental do início ao fim. O sujeito lírico declara-se amante do amor, da vida, da paisagem celeste, enfim, das coisas belas:

Yo, como tú,
Amo el amor, la vida, el dulce encanto
De las cosas, el paisaje celeste de los días de enero.
También mi sangre bulle
Y río por los ojos
Que han conocido el brote de las lágrimas.

Creo que el mundo es bello,
Que la poesía es como el pan, de todos.
Y que mis venas no terminan en mí
Sino en la sangre unánime
de los que luchan por la vida.
el amor,
las cosas,
el paisaje y el pan
la poesía de todos (s.d., p.316)

A temática deste poema mais uma vez é o amor – e a poesia. O amor pela vida e pelas coisas belas do mundo, mas, contudo, o que predomina é a evocação da função poética para as pessoas. A poesia é “como o pão, de todos”, é o alimento espiritual que faz os homens despertarem para o amor, um amor, porém, pela coletividade, pelos irmãos que lutam pela vida. Mais uma vez Dalton mostra, por meio da linguagem poética, a função que ela tem para a sociedade. Não se trata, simplesmente, de dar uma função outra à poesia e sim de expor concretamente como ela funciona. O sujeito que lê este poema é tocado de imediato pelo sentimento que as palavras expressam, por isso, Dalton dizia que a poesia não é feita só de palavras, mas também de sentimentos. A simplicidade com que os vocábulos estão arranjados não diminui, de forma alguma, a força da expressão e da comunicação, pelo contrário, faz com que o leitor capte a mensagem e, ao mesmo tempo, seja tocado por ela profundamente. A nova austeridade desta poética prova que o tom prosaico e a simplicidade lingüística facilitam o diálogo com o leitor sem prejudicar sua natureza lírica.

Mas, na visão de Dalton, o amor fraternal entre os que lutam por uma causa justa, não basta. A poesia tem que alimentar essas pessoas e também os cidadãos comuns, pois ela é o “pão de todos”. Ela alimenta o espírito e a consciência dos homens quando lhes mostra as imagens que passam despercebidas no cotidiano agitado do mundo moderno. É preciso apresentar cenas que impactem e despertem a reflexão do “zombie”. No seguinte fragmento do poema *Los policías y los guardias* tem-se a construção de uma imagem que perturba o leitor, pela clareza com que se faz comunicar e pela emoção que desperta:

(Un día ellos también fueron pueblo
pero con la excusa del hambre y del desempleo
aceptaron un arma
un garrote y un sueldo mensual
para defender a los hambreadores y a los desempleadores.)
...

hoy que ya algunas balas
comienzan a llegarles desde este lado

donde sigue estando el mismo pueblo de siempre
sólo que a estas alturas ya viene de pecho
y trae cada vez más fusiles (s.d., p. 313)

O tom prosaico que aparece no poema vem reforçar a natureza poética desta linguagem e não destruí-la. A atmosfera de ambigüidades que tal linguagem suscita é encontrada neste fragmento. Apesar de o sujeito lírico ser objetivo e direto em seu discurso, não se sabe de que povo fala, que exército é este, por que ocorre um enfrentamento entre os dois pólos, quando se passou tal evento, ou seja, o leitor é quem irá, a partir de seu conhecimento do mundo, construir uma interpretação. Não há, portanto, nenhuma explicação por parte do eu poético para o ocorrido. O que ele simplesmente faz é apresentar ao leitor uma cena que o incite a refletir sobre ela. É o papel da poesia: despertar uma consciência crítica sobre a realidade que nos cerca.

CONCLUSÃO

Com essa síntese, é possível perceber que a poesia apresenta diferentes funções que variam de acordo com a época a qual pertence. O objetivo deste trabalho foi, então, tentar mostrar como alguns poetas criavam suas poéticas em oposição às antecessoras, a partir de visões distintas que possuíam a respeito do ato poético e da função da poesia para a sociedade. Para os poetas Ernesto Cardenal e Roque Dalton, a lírica era muito mais que um belo arranjo lingüístico, significava, pois, um meio de reflexão e denúncia que poderia contribuir para conscientizar as pessoas sobre a situação em que viviam. Assim, a poesia para estes poetas pode cumprir uma função social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÜRGER, Peter. **Teoría de la Vanguardia**. Barcelona: Península, 1987
- CABAÑAS, Teresa. *Nicanor Parra: a ruptura poética da antipoesia*. **Expressão**. Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 196 – 2002, jan./ jun. 2003
- CARDENAL, Ernesto. **Antología**. Barcelona: Seix Barral, 1972
- DALTON, Roque. **Poesia de Roque Dalton**. Habana: Casa de las Américas, s.d.
- DUEÑAS, Rafael. **Roque Dalton y la crítica al Capitalismo Estadounidense**. Disponível em: <http://www.literatura.us/roque/rafaeld.html>. Acesso em: 03 abr. 2006
- GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985
- HAMBURGER, Michael. **La verdad de la poesía: tensiones en la poesía moderna de Baudelaire a los años sesenta**. México: Fondo de la cultura económica, 1969

PARRA, Nicanor. **Antipoemas**: Antología. Barcelona: Seix Barral, 1972

RETAMAR, Roberto Fernández. *Para una teoría de la Literatura Hispanoamericana y otras aproximaciones*. Habana: Casa de las Américas, 1975

SZABOLCSI, Miklós. **Literatura universal do século XX**: Principais correntes. Brasília: UnB, 1990.

VERZI, Horacio. **Recopilación de los Textos sobre Roque Dalton**. Cuba: Casa de las Américas, 1986

NOTAS

Ⓜ Este trabalho, desenvolvido pela aluna Juciane Ferigolo, do oitavo semestre do curso de Letras-Espanhol, é resultado dos estudos realizados no projeto de pesquisa PIBIC “**Percursos da poesia latino-americana contemporânea**”, sob a orientação da Profa. Dr. Teresa Cabanas Mayoral.